

Revolução Cubana: da luta pela independência a burocracia do capitalismo de Estado

Adriano José Borges

O presente artigo tem como objetivo contribuir para análise da revolução cubana partindo de uma perspectiva não leninista. Essa afirmação é necessária para de início distinguir nossa posição frente a outros autores que defende o viés de que a revolução cubana foi uma revolução proletária. Assim, abordaremos nesse texto a luta contra as intervenções norte americana, o combate às duas ditaduras de Batista (1.932/1952), o apoio a Guerrilha 26 de Julho pelos operários e camponeses e a ascensão da burocracia após a vitória dos guerrilheiros. Isso não impedirá uma análise crítica da revolução cubana, principalmente no papel que a guerrilha 26 de Julho exerceu frente à classe operária e os camponeses, principais forças que possibilitaram a ascensão de Fidel Castro e seu grupo ao poder.

A história de Cuba, até a sua revolução de 1959, foi marcada pela dominação colonial. Tornou-se uma das últimas colônias espanholas a conquistar a independência. Na verdade, passou do domínio espanhol à subordinação neo-colonialista norte-americana, sendo agregado aos interesses norte-americanos. A localização da ilha no período colonial favorecia as rotas comerciais e suas terras férteis geravam grandes produções de café, tabaco e, principalmente de açúcar.

Durante a colonização, a mão de obra escravizada correspondia à grande maioria da população, cerca de 56% dos cubanos. Cuba possibilitou uma contradição histórica, tendo modernização e investimento capitalista com um processo colonial. A partir de 1865, esses investimentos aumentaram com o forte comércio estabelecido com os EUA. Os investimentos norte-americanos na ilha cresceram junto com a exploração da população cubana. A intervenção dos EUA na luta pela independência de Cuba, como forma de proteger os seus investimentos, aumentou a exploração drasticamente. A independência foi evitada porque a classe dominante de Cuba não seguiu o papel de outras elites da América Latina. Porque os grupos dominantes cubanos viam uma possível independência de seu país como risco a seus lucros.

Daí, um movimento popular de independência como o organizado pelo fundador do partido revolucionário cubano, José Martí, não ser aceito pela elite do país.

Essa situação foi propícia para os EUA fazerem a sua primeira intervenção na ilha, acabando com a guerra de independência e a formação de um possível Estado autônomo. Formou-se em Cuba um Estado subordinado ao capital e ao Estado norte-americano.

A partir do início do século XX, os investimentos norte-americanos intensificam na ilha, comandada por grandes corporações formadas por bancos. A riqueza desse grupo aumenta drasticamente, a partir da I Guerra Mundial, principalmente na produção de açúcar. Os engenhos permaneciam nas mãos de norte-americanos, na contramão, localizava-se a grande massa da população com mais número de miseráveis, a partir da intensificação da modernização do campo.

A partir de 1886, com o fim da escravidão, a grande população de ex-escravos junto com os camponeses expulsos de suas terras, vai para as cidades, abarrotando-as de mão de obra ociosa. A grande maioria dessa população trabalhava somente no período de safra, em torno de três a quatro meses por ano. Em contrapartida, a burguesia local dispunha de grande benefício, mas não chegava a 35% da riqueza do país. A grande maioria dos lucros era revertida aos EUA, cerca de 70% do lucro do açúcar estavam nas mãos do capital norte-americano. “É preciso notar que o imobilismo da burguesia não procedia da falta de ação, mas da incapacidade de romper frontalmente e de uma vez por todas com a ordem social neocolonial” (Fernandes, 2007, p. 106).

A burguesia cubana, desprovida de um capital, tornou-se submissa ao capital norte-americano. Esse imperialismo impossibilitava um processo efetivo de independência política dentro da ordem. Assim, o nacionalismo passa a ser bandeira da população pobre e da classe trabalhadora contra o imperialismo norte-americano¹. Na década de 1930 essa luta passa a ser constante, após o surgimento de vários movimentos populares em Cuba. Diversas greves gerais estouraram pelo país com bandeiras de liberdade a Cuba, vários líderes foram perseguidos e mortos pela primeira ditadura de Fulgêncio Batista², iniciada em 1932, dando seqüência a subordinação a Washington. Fulgêncio Batista tornou-se o braço direito dos EUA, promoveu dois golpes militares em Cuba, um em 1932 e o outro em 1952, todos apoiados pelos norte americanos.

Toda essa situação de repressão e de exploração produziu um movimento

¹ Esse nacionalismo também será bandeira de Fidel Castro durante a sua luta contra o governo de Fulgêncio Batista.

² Fulgêncio Batista governou Cuba de 1932 a 1938. A possibilidade de um partido de oposição triunfar na eleição de 1952 com o discurso de moralização e soberania nacional, possibilitou a retomada de Fulgêncio Batista -agora oficial do exercito cubano- ao poder através de outro golpe de Estado.

guerrilheiro em Cuba, nasceu das injustiças que a ditadura de Batista produzia.

Sendo o membro do partido impossibilitado de vencer nas eleições, o advogado recém formado Fidel Castro, iniciou ali uma projeção como líder político nacional em Cuba. Fidel Castro era filho de fazendeiro, tinha 24 anos e havia sido dirigente estudantil. Logo depois do golpe militar de 1952, esse jovem advogado apresentou no Tribunal de Justiça de Cuba uma acusação contra o governo. ‘A lógica me diz que, se existem tribunais, Batista deve ser castigado, e se Batista não é acusado, se continua sendo chefe de Estado, presidente, primeiro-ministro, senador, chefe civil e militar, depositário do poder executivo e do legislativo, dono da vida e dos bens dos cidadãos, então quer dizer que os tribunais de justiça não existem mais, que eles os suprimiu’. Como evidentemente recebeu em resposta o silêncio dos tribunais, Fidel Castro escolheu outra via para lutar pela democracia (Sader, 1992, p. 58).

Fidel Castro inicia assim sua luta contra a ditadura de Batista, passou da ação legalista para a insurrecional organizando junto com seu irmão, Raul Castro e um grupo de jovens, uma guerrilha que ascendeu ao poder em 1959.

Abordo aqui a questão da crença da representatividade vinda de Fidel Castro. Como membro do partido opositor de Fulgêncio Batista, Fidel Castro acreditava na via eleitoreira respeitando o sistema político representativo, buscando reformas sociais ao invés de uma transformação radical. Inicialmente o movimento liderado por Fidel Castro não passava de um movimento reformista, que exigia reformas sociais, como o respeito à legalidade, a democracia e o direito ao equilíbrio e autonomia dos poderes executivos, legislativos e judiciários. A partir da ditadura de Fulgêncio Batista e a não possibilidade de ascensão ao poder por via eleitoral, Fidel Castro passa a ação insurrecional na tentativa de almejar e conquistar o poder³.

A luta insurrecional passou por três fases: a primeiro é o ataque fracassado ao quartel de Moncada, no ano de 1953. Fidel tinha como intenção a tomada do poder da cidade de Santiago de Cuba, a cidade mais importante da região oriental do país. A escolha dessa cidade não foi por acaso, Santiago de Cuba era considerada por Fidel a região mais politizada do país e tinha uma história de movimentos populares de resistência. A intenção de que a população se levantaria contra o governo quando o ataque inicia-se não sucedeu. O ataque fracassou. Além de ocasionar a morte de vários guerrilheiros, Fidel Castro foi preso com alguns companheiros. Essa ação produziu o

³ Após conseguir esse objetivo, e influenciado pelas ideias de Che Guevara, Fidel Castro modifica suas concepções, da concepção nacionalista passa para a leninista. Essa mudança de pensamento também tem relação com a política de aproximação de Cuba com a URSS.

primeiro programa do movimento 26 de julho, nome dado à data do ataque, 26 de julho de 1953. “A história me absolverá”, texto da defesa de Fidel no seu julgamento, transformou-se no programa do movimento guerrilheiro. Nele Fidel declara as injustiças praticadas pelo governo e a intervenção dos EUA no país. Além disso, refere-se à exploração da população produzida pelo capitalismo subordinado ao imperialismo norte-americano.

Ao ser condenado a quinze anos de prisão, Fidel deu início à luta para a reunificação e para o resgate dos membros do movimento revolucionário 26 de julho. As manifestações a favor dos guerrilheiros foram freqüentes, o que finalizou com sua liberdade e de outras pessoas pertencentes ao grupo, após dois anos do ataque ao quartel de Moncada.

Fidel então seguiu para o México na tentativa de reorganizar o movimento. Junta-se ao grupo Ernesto Guevara e Camilo Ciênfuegos, “Che” Guevara como era conhecido, havia passado três anos de viagem pela América Latina em cima de uma moto Nortom 500 cilindradas, “A poderosa”. Na companhia de seu amigo, Alberto Granado percorreram 3000 km. Nessa viagem conheceu as atrocidades cometidas contra a população pobre e trabalhadora. Um desses casos foi o golpe de Estado em Guatemala produzido pela CIA contra um governo democrático popular, colocando no seu lugar um ditador.

No México, Fidel conseguiu apoio da Frente Anti Ditatorial Latino-americana. O grupo representava diversos membros que se exilaram no México após a guerra civil espanhola de 1936 a 1939. A maioria oriunda da guerra anti-franquista tinha como perspectiva o anarquismo e a luta libertária. O apoio mútuo entre Fidel e a Frente Anti Ditatorial Latino-americana consistia da seguinte forma:

O acordo era que a Frente fornecesse instrumento de propaganda e solidariedade a partir do momento em que os revolucionários aportassem novamente em Cuba. Como “pagamento” a esta importante ajuda da Frente, o M26J prometeu contribuir com as guerrilhas que Octávio e seus confrades começavam a planejar junto aos exilados espanhóis das Juventudes Libertária e Republicana, que explodiriam no México em 1959 (Belle, 2009, p. 05)⁴.

⁴ Após ascensão de Fidel ao governo fica claro que o acordo não foi cumprido. Além disso, as ações da ditadura de Fidel Castro representam uma repressão aos movimentos libertários em Cuba, a Associação Libertária Cubana já havia anunciado o medo de uma ditadura castrista antes mesmo desse subir ao poder. Segundo Belle (2009) a Associação Libertária Cubana já anunciava em 1956 as ações de Fidel Castro, ‘em 1956, quando o Granma já aportava em Las Coloradas, a ALC lança um comunicado intitulado “Projeções Libertárias” denunciando a ditadura de Batista e alertando para as atitudes arbitrárias vindas dos castristas’. (Belle J. p.8, 2009). Mesmo a Associação Libertária Cubana alertando para as

Além do apoio da Frente Anti-Ditatorial Latino Americana, uniu-se à luta o Diretório Revolucionário formado por estudantes universitários pertencentes à Federação dos Estudantes Universitários (FEU) e o PSP Partido Socialista Popular (PSP). Por conseguinte, um dos principais focos de resistência ao governo era encontrado na própria classe operária. Unida através de sindicatos⁵ e grupos de fábricas, pressionavam o governo de Batista, assim como os camponeses, que apoiaram de forma estratégica o Movimento 26 de julho. Segundo Belle (2009):

Os sindicatos e as milícias foram de extrema importância para o sucesso da revolução, combinados a outros fatores, entre os quais se destaca a insatisfação da população para com o regime de Batista. Além da classe operária, os camponeses e os estudantes também desempenharam papel relevante. Para alguns estudiosos, o papel dos camponeses foi determinante, pois conheciam bem a região da Sierra Maestra, o que teria favorecido a vitória da revolução (Belle, 2009, p. 08).

A travessia dos guerrilheiros do México até a costa de Cuba foi feita por um iate comprado da arrecadação dos revolucionários e exilados cubanos. O Granma, nome dado à embarcação, produziu uma viagem desconfortável pela superlotação, o peso de armamentos e de pessoas reduzia a sua velocidade, e a queda de um guerrilheiro em alto mar atrasou mais a viagem. Essas situações impossibilitaram a chegada da embarcação na data prevista. As manifestações planejadas e ocorridas para dispersar a atenção do governo na entrada da guerrilha tiveram efeito contrário, produzindo atenção redobrada por parte de Batista. Desta forma, os guerrilheiros, ao desembarcarem em Cuba, foram pegos de surpresa pelo exército. Dos oitenta e dois combatentes sobrevive somente vinte e dois. Essa foi a segunda fase fracassada da luta insurrecional.

A terceira fase inicia em Sierra Maestra, o ponto mais alto de Cuba e a região mais rebelde da história desse país. Foi nessa região que José Martí deu início ao movimento popular pela independência no ano de 1820. Os maus acontecimentos no

possíveis intenções de Castro, diversos anarquistas participaram do movimento guerrilheiro acreditando na liberdade de Cuba. Acabou sendo esmagados pelo estado castrista, o mesmo ocorreu com a ALC que teve o seu periódico Solidaridad Gastronomic fechada após ascensão de Castro, e seus editores perseguidos pela polícia do governo acusados de contra revolucionários.

⁵ Os sindicatos, apesar de estar vinculado a uma burocracia de dirigentes e ser controlado por um grupo frente à classe operária, ainda serviu como um dos instrumentos de combate à ditadura de Batista. O papel histórico do sindicato é conservador, não representa os interesses da classe operária e sim aos interesses dos burocratas que o controlam. Para melhor esclarecimento sobre o papel do sindicato Cf. PANNEKOEK, 2007.

desembarque dos guerrilheiros em Cuba produziram uma nova reorganização da guerrilha. Populações dos setores urbanos encaminharam para Sierra Maestra com objetivo de aumentar o contingente de guerrilheiros. Os camponeses também auxiliaram em contingente e estrutura para os guerrilheiros, criou-se um grande laço de confiança entre ambos.

A organização da guerrilha e sua luta rápida, baseada na emboscada, abalaram as forças do exército naquela região, principalmente com auxílio dos camponeses. As três grandes frentes organizadas pela guerrilha tiveram Che Guevara, Camilo Cienfuegos e Raul Castro como líderes e a retaguarda ficava sob o comando de Fidel Castro. Conforme as batalhas iam sendo vitoriosas, o desespero do governo aumentava. Numa tentativa de vencer a guerrilha Batista envia 10 mil homens para a região de conflito no mês de maio de 1958. A manobra fracassou aumentando os recursos materiais dos guerrilheiros.

O contra-ataque foi imediato. A frente oriental comandada por Raul Castro e Juan Almeida e ocidental comandada por Che Guevara e Camilo Cienfuegos dividiu a ilha ao meio e isolou Havana, capital de Cuba, de outras regiões importantes do país. No mês de novembro, vendo a aproximação da guerrilha, Fulgêncio Batista, numa medida desesperadora, enviou um trem blindado para romper o cerco da guerrilha, tornou-se uma ação fracassada sendo interrompida pelo comando de Guevara. Segundo Sader (1989), “o fim do governo de Fulgêncio estava próximo, a destruição do trem possibilitou o grande avanço sobre a capital, enquanto Fidel já tomava a cidade de Santiago de Cuba” (Sader, 1989, p. 56).

Na impossibilidade de permanecer no poder, Batista decidiu deixar o governo e exilar-se na República Dominicana, após o brinde de Ano Novo de 1959. Vinte meses depois do desembarque do Granma na costa cubana caía o regime de Batista e triunfavam os revolucionários. A ascensão dos líderes guerrilheiros ao poder produziu uma nova estrutura na política de Cuba, a formação de uma burocracia estatal e o controle sobre a classe operária, baseada na ideologia do socialismo⁶. Assim, a centralização do estado nas mãos da vanguarda, afastou a classe operária das tomadas de decisões, o seu único papel é romper com essa situação. Deste modo, a tomada do

⁶ Quando Fidel Castro assumiu o poder de primeiro ministro e derrubou o governo provisório de Urrita, a ação da guerrilha se transforma na ação da vanguarda estatal, da mesma forma que a cúpula do partido bolchevique impôs o seu controle sobre a classe operária na União Soviética, a facção comandada por Fidel produziu-a em Cuba.

estado nas mãos de Fidel e de seu grupo produziu uma nova ditadura, agora travestida no viés leninista e na sua ideologia de vanguarda. A mesma ideologia de Lênin de levar a consciência à classe operária é produzida por Che Guevara. Vejamos o que ele afirma: “Para construir o comunismo, simultaneamente com a base material é preciso construir o homem novo”(Che Guevara, p. 380, apud, F. Fernandes, 2007, p. 168).

Quem constrói o “homem novo”? Para Che Guevara, essa construção só foi possível em Cuba devido à guerrilha. Outros autores partem do mesmo princípio. Florestan Fernandes, o “brilhante” sociólogo da Universidade de São Paulo, no seu livro *Da guerrilha ao Socialismo, a revolução cubana*, refere-se à guerrilha como única possibilidade de transformação social em Cuba, “coube a guerrilha o papel de organizar e educar a massa para uma sociedade socialista” (Florestan, 2007, p. 139).

Entretanto, ao analisar a história de Cuba, observamos que a força da classe operária e dos camponeses sempre esteve presente na luta contra sua exploração.

O movimento popular que lutou pela autonomia de Cuba no início do século XX, formado em grande parte pelos camponeses expropriados de suas terras, as grandes greves operárias na década de trinta contra a ditadura de Machado e, posteriormente, contra Batista, as grandes manifestações urbanas de estudantes e trabalhadores no final da década de cinquenta em auxílio à guerrilha e as diversas pessoas, operários e camponeses, que aderiram ao movimento no combate às tropas de Batista, todos eles precisaram ser educados pela guerrilha?

O problema encontrado na análise de Florestan Fernandes está no papel que esse atribui à classe operária, o papel de submissão e não de conhecedora de sua exploração. Foi preciso, segundo Florestan Fernandes, a guerrilha surgir para libertar o operariado. Essa ideia é forte nas discussões e debates sobre as revoluções de esquerda influenciada pelo pensamento de Lênin. Essas concepções não passam de ideologias a favor da vanguarda. Tomamos aqui o papel da vanguarda e sua posição perante a classe operária sobre o aspecto da revolução cubana.

Assim como em todas as revoluções onde a vanguarda assume o poder e torna-se controladora dos meios de produção e reproduz a exploração da classe operária, em Cuba esse processo não foi diferente. A economia cubana baseada na grande produção agrícola de exportação, principalmente o açúcar, teve no Instituto Nacional de Reforma Agrária (INRA) o braço direito para controlar a produção e submeter a classe operária a trabalhos extremamente pesados. O INRA tinha como papel coordenar a questão

agrária, mas, a partir de sua criação em 1962, a reforma agrária se burocratizou na mão do Estado, as cooperativas criadas não tinham autonomia nas formas de produção. Um exemplo disso é a imposição pelo Estado aos trabalhadores no ano de 1970 de conseguir dez toneladas de açúcar para adquirir recursos financeiros para o país.

O dispêndio de mão de obra na agricultura nesse período foi desastroso. Apesar de uma safra açucareira considerável em torno de oito toneladas, se observa a maior centralização da produção e da exploração e do controle da classe operária pelo Estado. Mesmo as cooperativas mudando de nome para granjas do povo, tentativa da classe operária em conquistar um mínimo de autonomia, fica evidente a centralização do Estado e a extração de mais-valia.

O que Florestan Fernandes chama de acumulação socialista para desenvolver Cuba, devemos chamar de exploração do capitalismo de Estado. Desenvolve uma economia exploradora da classe operária pelo Estado e sua burocracia. Por conseguinte, o comércio com o bloco do Comecon e a URSS trouxeram e aceleraram essa centralização. Os recursos para a aceleração da indústria e a racionalidade da produção e do trabalho a partir da década de setenta demonstraram em Cuba o aumento de riquezas do Estado e de seus comandantes, ao mesmo tempo em que aumentava a exploração operária e diminuía os benefícios para a população. Podemos observar essa situação já na década de sessenta. Segundo Florestan Fernandes (2007):

A distribuição setorial dos investimentos estatais, entre 1961 e 1964, exibiu duas tendências concomitantes. 1. O investimento diretamente produtivo cresceu de 51,5% para 79% (na agricultura ele passou de 16,8% para 33,3%; e na indústria, de 15,7% para 27,4%, depois de ter atingido 30,4% em 1963); 2. O investimento em benefícios sociais decresceu de 48,5% para 21%. (Fernandes, 2007, p. 199).

Esses dados demonstram no que Cuba se transformou poucos anos após a queda de Batista. A relação de dirigentes e dirigidos no estado cubano se aprofundou mais a partir da década de setenta. A burocratização e sua centralização chegaram às fábricas controladas pelos sindicatos pertencentes ao mais novo e único partido político do país, o Partido Comunista Cubano (PCC). A criação do PCC através da fusão do Movimento Revolucionário 26 de julho, o Partido Socialista Popular e a Frente Estudantil Universitária, aumentaram mais o poder do grupo dirigente do regime. Assim, na década de setenta, Castro já reinava com seus súditos em toda a ilha.

O castrismo se tornou a nova ideologia de Cuba e dos partidos de esquerda,

principalmente da América Latina. A exploração da classe operária dentro de Cuba era ofuscada pelos longos e cansativos discursos demagógicos de Fidel. Assim, encontra-se em Cuba as fábricas lotadas de “soldados em defesa da revolução”. São, na verdade, cães de guarda defensores da política castrista. Os famosos trabalhadores exemplares são recrutados para participar das frentes de organização da vanguarda. O seu recrutamento ocorre pela disciplina e pela participação dentro das fábricas favoráveis à política do Estado. Os trabalhadores que se encaixam nessa perspectiva têm a sua vida investigada e, posteriormente, se nada de errado for encontrado, entram para o grupo vigilante do Estado, tornam-se burocratas das fábricas e opositores da classe trabalhadora.

Entre a queda de Batista em 1959 e a saída de Fidel da presidência de Cuba em 2008, por problemas de saúde, perdurou-se uma ditadura de quarenta e nove anos. Nesse tempo, Fidel centralizou o poder em suas mãos e de seu grupo, favorecendo-o e enriquecendo-o. Os burocratas do partido e do Estado tornaram-se a classe detentora do poder político e econômico. Atualmente, a nova sociedade cubana mantém-se estruturada e controlada pelos burocratas, tendo atualmente Raul Castro, irmão de Fidel, no cargo máximo do país. Apesar da saída de Fidel da presidência, a sua influência permanece dentro do governo, e as ações ainda são as mesmas desde a subida da guerrilha ao poder, o controle da classe operária e a sua exploração.

A partir dessa análise podemos classificar a revolução cubana como uma insurreição com objetivos reformistas, isto é, que não visava a superação das relações sociais existentes, mas apenas fazer reformas econômicas (agrária, por exemplo), sociais e políticas. De início os objetivos principais de Fidel estavam vinculados às perspectivas de reformas políticas e na crença da representatividade. Isso fica claro na tentativa de Fidel apoiar o seu partido nas eleições de 1952. Vendo essa impossibilidade com o golpe de Fulgencio Batista, coube a Fidel organizar a guerrilha. Entretanto, o objetivo permaneceu o mesmo, fazer reformas sociais dentro da lógica capitalista.

Posteriormente, com a vitória da guerrilha e a ascensão de Fidel e seu grupo ao poder essa perspectiva muda. Influenciado pela aproximação do bloco da União Soviética, Fidel declara Cuba socialista no ano de 1962. A partir desse momento a burocracia se intensifica, tendo auxílio dos membros do governo soviético na gestão das fábricas e dos campos. A possibilidade de reforma agrária, um dos objetivos da guerrilha dentro das perspectivas reformistas, foi descartada pelo controle e manutenção

do campo pelo Estado. Da mesma forma as fábricas passaram a ser gerida pelos burocratas dos sindicatos ligados à grande burocracia do Partido Comunista Cubano.

Assim, os dirigentes do governo cubano, que antes tinham como perspectiva apenas reformas sociais, vinculada a melhorias superficiais da população sem destruição do modo de produção capitalista, passa a gerir essa exploração agora mais intensamente. As reformas deixarão de fazer parte do governo, centralizando ainda mais o poder nas mãos da burocracia estatal. Cuba passa a ser definida como Capitalismo de Estado, onde se reproduz a exploração da classe trabalhadora através agora da dominação Estatal.

Referências Bibliográficas

BELLE, J. *Revolução Cubana. Mais esquerda que o catrismo*. Editora Faisca, 2009.

FERNANDES, F. *Da guerrilha ao socialismo. A revolução Cubana*. Editora Expressão Popular. Coletânea Assim lutam os povos.

PANNEKOEK, A. *A revolução dos Trabalhadores*. Editora Barba Ruiva, 2007.

SADER, E. *A Revolução Cubana*. Editora Polêmica. 1989. 5^o edição.

SADER, E. *Cuba, Chile e Nicarágua. Socialismo na América Latina*. 9^o edição. Editora Atual, 1992.

VIANA, Nildo. *A consciência da História. Ensaio sobre o materialismo histórico-dialético*. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 2007.

Adriano José Borges

Graduado em História pela UEG – Universidade
Estadual de Goiás. E-mail:
adrianojose_btos@hotmail.com